

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

NOEMI ESTER CROISFELT GONÇALVES

"Cuidar e Educar fora da Escola: impactos e desafios para a organização do trabalho Pedagógico na Educação Infantil"

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

NOEMI ESTER CROISFELT GONÇALVES

"Cuidar e Educar fora da Escola: impactos e desafios para a organização do trabalho Pedagógico na Educação Infantil"

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Aparecida Reis Barbosa

CURITIBA

2014

"Cuidar e Educar fora da Escola: impactos e desafios para a organização do trabalho Pedagógico na Educação Infantil"

NOEMI ESTER CROISFELT GONÇALVES¹

RESUMO

Sendo o homem um ser histórico que se desenvolve a partir das relações que estabelece em sociedade, podemos compreender que a educação se faz por estas relações que começam com a vivência na primeira sociedade de uma criança, que é a família, onde esta receberá uma educação informal, aprendendo normas, hábitos e valores que guiarão sua conduta ao longo de sua existência, e se estende até a escola, que por sua vez, transmitirá uma educação formal de conhecimentos acumulados historicamente e sistematizados para o desenvolvimento sócio histórico da humanidade. Diante disto, o presente trabalho visa entender o contexto familiar e social que participam do processo de formação de crianças de 4 e 5 anos e analisar os referenciais culturais, valores e atitudes traduzidas pela criança para a instituição de ensino, bem como, pensar em mediações necessárias para efetivar a ação pedagógica junto ao aluno que traz para a sala de aula comportamentos considerados inadequados para um convívio social, pois, estes desafios nos levam a refletir a educação familiar, a educação na sociedade hoje, o que mudou, o que tem influenciado a educação atual, quais as marcas que a educação formal, informal e a não formal tem deixado em nossas crianças e como a escola tem lidado com isso para processar uma busca de procedimentos pedagógicos que favoreçam a integração de ambos os envolvidos no processo educativo, sendo assim, vemos que as mudanças ocorreram e são fatos reais: a estrutura familiar, as tecnologias, o acesso a informação precisam ser vistas como uma ferramenta e ser utilizada para que as melhorias na qualidade da relação escola-família ocorram e os reflexos desta no processo ensino e aprendizagem, visto que nosso aluno é fruto de tudo isso.

Palavras - chave: Educar, cuidar, escola, família.

¹ Artigo produzido pela aluna Noemi Ester Croisfelt Gonçalves do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Aparecida Barbosa. E-mail: noemicrois@gmail.com

1. Introdução

Não há como conceber um compartilhamento da ação educativa sem considerar os contatos entre as famílias e os educadores. O que se nota, é um distanciamento de ambas as partes, resultando em situações adversas vividas em sala de aula junto a Educação Infantil, tais como: crianças que gritam muito, que mordem, que usam de muito agressividade para com o outro, que não participam das aulas efetivamente, que não respeitam o espaço e a vez do outro.

Algumas indagações nos preocupam, tais como: O que mudou na sociedade, nas famílias, e que tem influenciado a educação de nossas crianças hoje? Quais são as marcas que nossas crianças levam para dentro da sala de aula, e que estão refletindo em seu comportamento?

É na busca por caminhos que possam nos ajudar entender esta problemática do cuidar e do educar fora da Escola, bem como os impactos e desafios que este trás para a organização do trabalho Pedagógico na Educação Infantil, que traçaremos uma trajetória de estudo desde a educação familiar, até a relação entre família e escola na educação atual.

Permearemos apontamentos sobre o que mudou, o que se perdeu, o que tem influenciado a educação, quais as marcas que a educação formal, informal e a não formal tem deixado em nossas crianças, como as famílias tem lidado com isso, como isto tudo tem influenciado na ação pedagógica dentro de sala de aula.

Lembrando que, em conformidade com NOGUEIRA, "(...) as transformações visíveis pelas quais passam ultimamente, tanto as escolas quanto às famílias, naquilo que diz respeito às suas estruturas e dinâmicas internas, são reveladores de uma tendência crescente de conexão entre os territórios: família e escola. (NOGUEIRA, ROMANELLI, E ZAGO, 2000, p.11)

2. Revisão de literatura

Em face da amplitude da proposta do objeto de estudo aqui apresentada, o recorte da revisão de literatura destaca autores que abordam a temática no campo específico da educação e áreas que dialogam com o assunto, como a psicologia e sociologia.

Abordaremos os desafios que se mostram em sala de aula, que é um assunto bastante discutido entre pais, responsáveis e educadores. Tal problemática ultrapassa o âmbito familiar e escolar, nos levando a averiguar todo o viver do aluno como um conjunto que reflete no processo.

Segundo MOURA (2011, p. 01), “seja qual for o foco em questão ele nos remete a refletir sobre o papel da família e da escola na formação da personalidade das crianças, construir e resgatar princípios são desafios para pais, responsáveis, e a escola”.

Diante disto, analisaremos o cuidar e o educar dentro das leis que regem o ensino no país, onde o direcionamento do trabalho pedagógico é pautado nos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil, que define os termos da seguinte forma:

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens, orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança. (BRASIL: RCNEI, 1998, p.23)

E cuidar:

(...) significa uma parte integrante da educação, “cuidar da criança é, sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades”. (BRASIL: RCNEI, 1998, p. 25)

Perante estas definições, nos é pertinente aqui também esclarecermos o que é, e onde acontece a educação formal, a educação informal e a educação não formal.

Conforme OLIVEIRA (2013), este define em seus estudos a Educação formal como sendo aquela que é desenvolvida nas escolas com conteúdos previamente planejados, sob responsabilidade dos professores, no território das escolas, das instituições certificadoras regulamentadas e organizadas conforme as leis e diretrizes nacionais.

Quanto a Educação informal, esta é aquela que os indivíduos aprendem em seu processo de socialização junto a família, no bairro, no clube, com os amigos e este está recheada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados, conseqüentemente os educadores são os pais, os familiares, os amigos, os vizinhos e os pares da igreja, os meios de comunicação em massa, entre outros, ou seja, em locais informais onde há processos interativos propositais.

E a Educação não formal é aquela que se aprende no decorrer da vida, através dos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas, sendo assim, o agente educador é o "outro" ser com quem interagimos no transcurso da vida, onde os espaços educativos são demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, e outros dentro da casa onde se mora, na rua, no bairro, no condomínio, no clube que se frequenta, na igreja ou no local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu, etc. (OLIVEIRA, 2013. p.18-20)

Diante das definições apresentadas vemos que a educação acontece em todo lugar, tempo e condições, por isso, o cuidar e o educar estão entrelaçados, e é o resultado desta união que possibilitará o desenvolvimento de uma criança.

Para BRANDÃO, "a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa". (2007, p. 47)

No foco da educação temos os alunos e estes, antes de participarem da escola, são partes integrantes de um grupo social muito importante que é a família, a qual SZYMANSKI (1992, p. 39) nos chama a atenção, lembrando que o conceito de família muitas vezes idealizado no imaginário coletivo como a família nuclear precisa ser compreendido considerando-se a família como produto de determinações sociais, históricas, culturais.

SALLES (2005) diz que “há uma correlação entre a concepção de infância presente em uma sociedade, as trajetórias de desenvolvimento infantil, as estratégias dos pais para cuidar de seus filhos e a organização do ambiente familiar e escolar”. (p. 01)

E quando a família é desestruturada, não atendendo aos requisitos necessários para uma organização ética que dê um sustentáculo aos futuros cidadãos que estão em teu seio, ela descarrega na sociedade conflitos emocionais que geram distúrbios de aprendizagem que danificam a vida do indivíduo em todos os aspectos.

FONTENELE (2009, p. 09) nos leva a refletirmos sobre as famílias que antes extensa, incluindo parentes e agregados, transformou-se em uma família nuclear, pai-mãe-filhos e atualmente esta composição se encontra diversificada, e o que também vemos, não raramente, são filhos de pais separados, que moram com o pai, ou com a mãe e o marido da mãe, ou com o pai e a mulher do pai e, até mesmo, apenas com os avós.

Assim, as relações de autoridade e limites ficam comprometidas, pois as crianças não sabem a quem recorrer e quais as regras a seguir. Em alguns momentos, estão em ambientes que propiciam disciplina e, em outros, estão em ambientes que propiciam liberdade e a falta de construção de limites.

Tânia ZAGURY:

Diz que a criança que não aprende a ter limite para o seu querer, para os seus desejos e vontades, que tudo quer e tudo pode tende a desenvolver um quadro de dificuldades que vai se instalando passo a passo: Descontrole emocional, histeria, ataques de raiva; Dificuldade crescente de aceitação e limites; Distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades, incapacidade de concentração, dificuldade para concluir tarefas, excitabilidade, baixo rendimento;

Agressões físicas se contrariado, descontrole, problemas de conduta(...) (ZAGURY, 2008, p.35)

Correlatamente vemos as pesquisas apresentadas por NOGUEIRA, que relatam resultados expressos através de variáveis como a renda, o nível de instrução e a ocupação dos pais, o número de filhos, o lugar da criança na família, etc.

Seus resultados indicavam que as vantagens econômicas tinham sobre o desempenho escolar um efeito menor do que aquele dos fatores socioculturais (nível de instrução, atitudes e aspirações dos pais, clima familiar, hábitos linguísticos, etc.). Assim, certas famílias foram consideradas mais capazes do que outras de incitarem ao êxito escolar devido a suas atitudes de valorização e interesse pelos estudos dos filhos, a sua ação de encorajá-los, etc. (NOGUEIRA, 2005. p.564)

Neste contexto, concordamos com SZYMANSKI (1992, p. 77) que coloca em reflexão dois modelos de famílias, a "família pensada" e "família vivida", definindo a "família pensada" como o modelo de família que a maioria da população almeja ter, e a "família vivida" é o modo cotidiano que a família vive, hoje, sua própria realidade.

Entretanto, a família deve ser entendida como aquele lugar onde as pessoas buscam seu bem-estar, mesmo que a situação encontrada não seja aquela imposta pelo modelo existente.

Com todas as mudanças no mundo moderno, a questão família tem tido grandes alterações no quesito educação.

SALLES (2005, p. 07) pontua a identidade da criança e do adolescente sendo construída atualmente numa "cultura caracterizada pela existência de uma indústria da informação, de bens culturais, de lazer e de consumo onde a ênfase está no presente, na velocidade, no cotidiano, no aqui e no agora, e na busca do prazer imediato".

Diante disto, vemos que a sociedade contemporânea é caracterizada pela predominância de tecnologias e realidades virtuais pautadas numa cultura do "ter", da velocidade, do prazer imediato dentro da indústria da informação.

Em consonância com todo este imediatismo atual, o que vemos são famílias mais ausentes por não haver tempo, pois estão inseridas no mercado

de trabalho, para garantir às suas proles mais conforto e sustentabilidade, o que conseqüentemente, faz com que as crianças fiquem cada vez mais aos cuidados de outras pessoas como, babás, vizinhos, avós e em instituições responsáveis por essas atividades, como creches e escolas que são integrais.

Também, não podemos deixar de citar as mudanças ocorridas nas relações humanas, que entre pais e filhos ganham mais autenticidade e menos autoritarismo, onde o poder absoluto dos pais sobre os filhos foi substituído por uma relação mais democrática, porém o que notamos é que, em muitos casos, se desencadeou problemas agravantes, devido às más interpretações da nova forma de relacionamento familiar. (OLIVEIRA, 2010, p.23)

Com base nessas evidências, sabemos que o desafio de educar uma criança, não é apenas da família e nem apenas da escola, esta educação decorre da responsabilidade, parceria, compromisso e participação de ambas as esferas, sabendo que cada um tem a sua parcela de responsabilidade de educar e cuidar, é necessário que nenhum coloque o encargo para apenas um dos integrantes, mas que possa ter uma união para que a criança cresça e se desenvolva sem grandes prejuízos.

E quando falamos em educação, encontramos nos estudos de BRANDÃO a seguinte definição:

Educação vem do latim 'educere', que significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. (...) É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até à morte. (BRANDÃO, 2007. p.63-64)

Articulando alguns autores, podemos aqui agregar à discussão o estudo que AQUINO, que nos traz um entendimento bem pertinente.

Quando falamos genericamente em "educação" de uma criança ou jovem, compreendemo-la como resultado conjunto da intervenção da família e da escola. Embora essas duas instituições basais sejam complementares e possam chegar a se articular, elas são bastante diferentes em suas raízes, objetos e objetivos. (AQUINO, 1998, p. 08)

O mesmo autor trata a família como sendo responsável pela ordenação da conduta da criança, por meio da moralização de suas atitudes, seus hábitos;

e à escola cabe a ordenação do pensamento do aluno, por meio da (re) apropriação do legado cultural, tendo como objeto do trabalho pedagógico o conhecimento sistematizado representado pelos diferentes campos de conhecimento em pauta.

Diante de tal afirmação, é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem, ressaltando aqui a expressão de REGO (2012, p. 84) ao declarar que este poder não é absoluto e irrestrito, entretanto, (...) os traços que caracterizarão a criança e o jovem ao longo de seu desenvolvimento não dependeram exclusivamente da família.

Assim como, uma relação entre professores e alunos baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na tolerância permissiva e espontânea, também provocara reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos, o que nos leva a reconhecer que escola não pode eximir de sua tarefa educativa no que se refere à disciplina. Sendo então, de fundamental importância, o papel mediador do professor.

Esta mediação se faz necessária e urgente, pois em análise, as crianças que recebemos na escola neste século, perpassa por todos os efeitos colaterais das mudanças sociais e traz para o âmbito escolar crianças mais inteligentes, mais investigativas, que tem curiosidade sobre tudo, estão sempre conectadas em tudo que ocorre à sua volta pela mídia e tecnologias existentes e o alto grau de informações que circulam com grande acessibilidade para todos.

3. Análise de informações coletadas

As informações aqui presentes foram coletadas junto aos pais dos 14 alunos do pré III no mês de maio de 2014, sob minha regência, onde os mesmos responderam a um questionário que tinha por objetivo fornecer dados

sobre o meio em que a criança vive, sua família, educação familiar e nível educacional dos mesmos, bem como a forma de aquisição de informações e de lazer.

Diante das informações prestadas através do citado questionário obtivemos os dados que se seguem.

A primeira temática investigada foi a caracterização do núcleo familiar, a qual buscamos saber qual a organização familiar, assim, como o grau de instrução das mesmas que rodeiam nosso educando. Esta informação nos dará indicativos importantes sobre quem participa do processo educativo de nossa criança.

Os dados revelam que 21% das famílias são compostas por 3 pessoas, 29% são compostas por 4 pessoas, 36% são formadas por 5 integrantes e os outros 14% se dividem igualmente para famílias com 6 e 8 pessoas. O que nos mostra que as famílias estão, consideravelmente, equilibradas quanto ao número de pessoas que residem na casa juntamente com o aluno.

Quanto ao grau de instrução, 23% dos pais e 14% das mães não terminaram o ensino fundamental, 31% dos pais e 7% das mães completaram o ensino fundamental e pararam sua jornada escolar, 8% dos pais estão com médio incompleto, 31% dos pais e 43% mães completaram o ensino médio, 8% dos pais chegaram a entrar no ensino superior, porém não concluíram, enquanto que 36% das mães completaram o ensino superior, as pesquisas mostraram, ainda, que 40% destas mães que completaram o ensino superior, continuaram seus estudos e fizeram uma pós graduação. Vale destacar que uma família não conta com presença paterna.

Estes dados nos revelam que as mães possuem um grau de instrução maior que os pais e, que a maioria delas concluiu a educação básica, sendo que 36% possui ensino superior o que demonstra, teoricamente, que os filhos destas famílias contam com pais que entendem o processo de desenvolvimento de seus filhos, podendo, assim, auxiliá-los em sua vida escolar com mais agilidade.

No que se refere a ocupação da criança nos momentos vagos em casa buscamos saber como a criança passa seu tempo, quais seus brinquedos preferidos, quais brincadeiras e interações que realiza fora do ambiente escolar.

E o que podemos notar é que, de forma geral, os alunos investigados passam uma parte de seu tempo diário brincando com outras crianças da mesma idade, vizinhos e primos, e que brincam de carrinho, boneca, bicicleta e bola.

Dentro de uma visão vygotskiana vemos que a brincadeira é o lúdico em ação e ROLIM (2008, p.177) com seus colaboradores relatam que o brincar é importante em todas as fases da vida, no entanto, é na infância que esta ação é essencial, não se configurando apenas um entretenimento, mas, também, uma aprendizagem.

Quando a criança brinca ela expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados, porque toda a afetividade da criança é aplicada neste ato, suas emoções são externadas, construindo um mundinho próprio, onde seu espaço esteja garantido. Por isso a brincadeira deve ser encarada como algo sério e que é fundamental para o desenvolvimento infantil.

ROLIM continua suas considerações afirmando que “a brincadeira relaciona-se com a aprendizagem, pois brincar é aprender, pois nela reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas”. (2008, p. 177)

E para completar este tempo diário da criança, também procuramos saber como é utilizada as tecnologias, como é feito o uso da TV, do computador e do videogame pela criança e como, ou se, a família monitora tudo isso.

Nesta temática verificamos que 100% das famílias possuem televisão, 57% utilizam o computador, outros 36% têm videogame, 29% das famílias

possuem outros como ipod, DVD e celulares, permitindo que a criança faça uso destes.

O que se constatou, quanto ao tempo de uso destes meios multimídias, pelas crianças, foi que 14% fazem uso durante 2 horas por dia, 29% faz uso 4 horas diárias, outros 14% faz o uso por 6 horas durante o dia, 7% usam por 7 horas diárias, 14% fazem uso por, assustadoramente 8 horas diárias na frente da TV ou do computador, e, exorbitantemente, outros 7% ficam 9 horas condicionados a estes aparelhos, enquanto que 14% não declarou. E estes são usados em sua maioria para assistir desenhos ou jogar futebol, corrida, jogo da memória e barbie.

Das 14 famílias investigadas, apenas 2 declararam que não monitoram a utilização dos meios multimídias, porque trabalham fora o dia todo e quem fica com as crianças não o fazem.

Conforme os dados coletados através da pesquisa temos aqui demonstrado os tipos de programas que estas crianças costumam assistir, estando assim divididos:

- ✓ 100% das crianças gostam de assistir desenhos animados;
- ✓ 50% também apreciam novelas, sejam elas infantis ou não;
- ✓ 7% admitiram assistir filmes de terror;
- ✓ 21% gostam de filmes de comédia;
- ✓ 7% assistem filmes de romance;
- ✓ 86% se divertem com os mais variados filmes infantis;
- ✓ 7% relataram que assistem filmes de suspense; e;
- ✓ 14% do mesmo modo apreciam filmes policiais.

Vemos que mesmo com o acompanhamento da família os programas apreciados por nossos alunos variam, tendo em seu repertório programações não indicadas para a faixa etária destas crianças, valendo ressaltar, aqui, que as famílias que elencaram filmes de terror e de suspense na pesquisa, são

justamente as que cuidam de seus filhos em casa, por se tratar de mães que não trabalham fora. E, ainda, responderam que monitoram o uso dos meios multimídias.

Deparamo-nos aqui, com algo intrigante, notamos que a questão dos limites do que as crianças podem ou não assistirem, não está vinculado ao nível de escolaridade dos pais, que atualmente, tudo isso é natural, a impressão de se tem é de que “*nada faz mal*”, “*não tem importância*” (grifo nosso), seria esta a visão de hoje.

No entanto, o que vemos é o uso da televisão, do computador, dos celulares desenfreados, onde estes tem ocupado um grande espaço na vida de nossas crianças e o manuseio destes, muitas vezes, ficam sem monitoramento. E é na fala das próprias crianças que notamos este disparate, quando falam que fazem como e quando querem, com toda liberdade, o uso das multimídias.

Reflexivamente, chamamos a atenção para uma realidade fulgente nas informações prestadas pelas famílias, onde os dados nos revelaram que as crianças passam em média de 4 a 8 horas na frente da televisão, do computador e outros, porém é sabido que estas mesmas crianças frequentam a escola por 4 horas diárias.

Então, cabe-nos questionar qual é o tempo que resta para que este educando cumpra seu papel de criança, brincando e se relacionando, construindo conhecimentos, conforme as mesmas famílias informaram que seus filhos assim o fazem.

Diante das horas diárias consideradas uteis para uma criança, as divergências encontradas no emprego destas, nos deixa evidente que o monitoramento e a divisão do tempo entre as diversas atividades da criança, ficam à mercê da própria criança.

Vemos que as alterações na configuração familiar, a saída dos pais para jornadas cada vez mais longas e exaustivas de trabalho, a dificuldade em proporcionar atividades culturais diversas e, muitas vezes, a falta de recursos

para propor outras formas de entretenimento para os filhos acabam colocando a televisão como saída mais rápida para a socialização necessária.

Isso quer dizer que, por motivos como esses, a televisão se torna uma espécie de babá de baixíssimo custo, já que está nas casas e não exige grandes comprometimentos na rotina dos pais.

FERRARI² em uma reportagem escrita para o Brasil Escola, traz alguns dados de pesquisas que mostram que a criança brasileira, é a que mais assistem à televisão no mundo, chegando a passar mais de três horas e meia por dia diante do aparelho.

Entre as consequências dessa exposição prolongada estão:

- A aprendizagem social (que também poderia ocorrer pela observação do comportamento dos pais e de outras pessoas reais);
- A dessensibilização (diante, por exemplo, de cenas de violência, que podem se tornar cada vez mais admissíveis pelas crianças);
- O aumento do medo (causado pelas representações do mundo como lugar aterrorizante) e o abafamento da dificuldade na compreensão das contradições.

E diante da exposição de uma única visão dos fenômenos, a criança pode deixar de questionar-se sobre a realidade à sua volta, tornando-se vulnerável a informações mentirosas, e isto influenciará de forma gritante a educação desta criança.

Outro dado importante para nós, é como se dão os momentos de lazer da família, para assim ter uma ideia de como está o relacionamento interno familiar e qual a importância que esta dá para os momentos coletivos.

² FERRARI, Juliana Spinelli. *Televisão e criança: quais as implicações desta relação?* Disponível em: <http://www.brasilecola.com/psicologia/televisao-diversao-preferida-entre-garotada.htm>. Acesso em 01/06/2014.

E esta nos mostrou que 43% das famílias entrevistadas preferem ficar em casa assistindo TV ou brincando de bola, e outros 57% das famílias revezam entre, às vezes, sair para passear até o sítio, casa da avó, piscina, andar a cavalo, andar de bicicleta, ir a sorveteria ou ficar em casa e brincar de quebra-cabeça e outras brincadeiras que as crianças gostem.

A guarda desta criança durante a semana, nos é uma informação preciosa, por isso esquadramos os dados sobre os pais e responsáveis do educando, quanto a seu trabalho diário, se trabalham fora ou não e qual o tempo que ficam fora de casa, bem como, com quem a criança fica durante este período.

Das famílias entrevistadas, obtivemos as seguintes respostas:

- ✓ 93% dos pais trabalham fora, 70% destes trabalham 8 horas diárias, 7,5% trabalha 10 horas por dia, 7,5% trabalha 12 horas diárias e 15% viaja ficando de 4 a 5 dias fora de casa, enquanto, 7% nem a mãe e nem o pai trabalham fora.

Quanto às mães colhemos os seguintes dados:

- ✓ 36% das mães declararam não trabalhar fora, 57% trabalham 8 horas diárias e 7% trabalham 12 horas diárias.

As crianças destas famílias, 7% ficam sozinhas, 43% ficam aos cuidados das próprias mães, 36% ficam aos cuidados de algum parente próximo (avó ou tia), 14% ficam aos cuidados de empregada.

Perante dos dados apresentados, não há dúvidas que o ambiente escolar e a família compõem o meio social no qual o aluno está inserido e este infere na formação destas crianças.

LIMA relata:

Quando falamos na necessidade da relação entre família e escola, falamos principalmente na possibilidade de compartilhar critérios educativos para que possam minimizar as possíveis diferenças entre os dois ambientes. Para o aluno, é muito mais produtivo que os ambientes tenham ideias parecidas sobre educação. O crescimento harmonioso do aluno deve permear a colaboração entre as duas instâncias, família e escola (...) (LIMA, 2014, p.02)

Como vemos, em nosso trabalho cotidiano encontramos diversos obstáculos que dificultam a aproximação entre escola e família, conforme apresentado, o horário de trabalho dos pais, que acaba por dificultar seu comparecimento nas atividades para a aproximação entre escola e família.

As instituições escolares e os educadores devem reconhecer esses impasses e evitar fazer análises depreciáveis às famílias, realizando atividades que visem abordar os pais mais arredios da escola.

Como bem coloca TERECIANI:

Somente por meio do trabalho escolar comprometido com a realidade dos alunos e da conscientização dos pais de sua importância para a educação escolar dos filhos, pode-se desenvolver uma proposta de trabalho conjunto entre escola e família visando beneficiar a qualidade de ensino, tanto na escola, quanto na família. (TERECIANI, 2008, p. 73)

Nesta relação entre escola e família, cabe a escola encontrar os métodos mais adequados para aproximar os pais da escola e conscientizar as famílias da importância da sua participação na vida escolar dos filhos. É fato que, quanto maior a abertura para que a família conheça o trabalho desenvolvido pela escola, maior o interesse e a participação por parte dos pais na vida escolar dos filhos.

4. Considerações finais

No contexto de todos os fatores aqui apresentados, podemos identificar um primeiro passo a ser dado quanto ao nosso posicionamento enquanto educadores e enquanto família também, onde devemos rever alguns conceitos tanto de composição familiar, quanto de comportamentos (in) adequados.

Muitas vezes nos prendemos a condutas que acreditamos ser as corretas conforme os padrões que desejamos ter em nossos alunos, padrões estes que são de crianças sentadas e quietas prontas para aprender, assim, nos tornamos reféns de conceitos que não conseguem alterar os rumos e os efeitos do nosso trabalho cotidiano.

Pois, como bem coloca OLIVEIRA (2010):

O ato de educar não pode ser visto apenas como depositar informações nem transmitir conhecimentos. Educar com qualidade é envolver-se com o aluno, com o conteúdo a ser ministrado, com preparar-se para dar o melhor. Pensando assim é que se decide caminhar na direção do saber, da pesquisa, na tentativa de encontrar respostas satisfatórias para facilitar o trabalho e a relação professor/aluno/escola. (OLIVEIRA, 2010. p. 02)

Temos que estar atentos para não tomarmos como modelo de “*comportamento desejado*” (*grifo nosso*), aquele exigido pelos padrões rígidos da escola tradicional. Visto que hoje a estrutura familiar é outra, o meio em que a criança está inserida é outro, o fluxo de informações é outro e nossa criança é fruto desse meio.

No entanto, não podemos deixar de chamar a responsabilidade de cada parte integrante do convívio do educando.

O trabalho aqui apresentado nos deu alguns parâmetros para entendermos o papel das partes envolvidas com o processo educacional. No entanto, se faz necessário considerarmos que o município em questão é de pequeno porte e isto nos possibilita termos um conhecimento mais amplo e individual de cada aluno, por isso, identificamos algumas informações que não

representam os fatos reais, elementos estes que interferem nos resultados finais do processo de internalização do aluno.

Pois, conforme conversas diárias que temos com os alunos na “rodinha de conversa” ou “hora da novidade” (momento integrante da rotina diária de sala de aula), temos relatos de crianças que ficam até altas horas assistindo filmes com os pais ou responsáveis, sem a devida observação da indicação de censura.

Fato este que nos deixa a margem de um real entendimento sobre fatores relevantes na educação familiar desta criança que nos chega com um conhecimento de mundo diverso e amplo, porém um tanto além daquilo que a tenra idade lhe permite compreender e processar de forma construtiva.

Concordamos com NOGUEIRA (1998, p. 101) quando relata que as “modificações nas estruturas e nos modos de vida familiar e nas estruturas e processos escolares, uniram-se para dar origem a um sistema de interdependência e de influências recíprocas entre a família e a escola”.

Diante da educação que almejamos e a busca pela efetiva cidadania que sonhamos, se faz necessário que estas influências recíprocas sejam as ferramentas utilizadas para que o processo educacional ocorra e a eficácia das técnicas pedagógicas se consolidem com as especificações do dado momento histórico e sua demanda social.

Em consonância com POLONIA:

Em síntese, os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade. No entanto, cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos. (POLONIA, 2005, p. 307)

Conclusivamente, o educar e o cuidar então intimamente ligados tanto na escola quanto no seio da família e estes precisam estar em harmonia para que, no processo educacional, os impactos e os desafios venham ser demudados como coadjuvantes no trabalho pedagógico cotidiano.

5. Referências

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-25551998000200011&script=sci_arttext. Acesso em 10/02/2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 3v.: il, 1998.

FERRARI, Juliana Spinelli. **Televisão e criança: quais as implicações desta relação?** Disponível em: <http://www.brasilecola.com/psicologia/televisao-diversao-preferida-entre-garotada.htm>. Acesso em 01/06/2014.

FONTENELE. Rhyvera Silva. **Indisciplina escolar: Considerações acerca do tempo**. 2009. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/102.htm>. Acesso em 14/06/2014.

LIMA. Lindoneide Sousa. REIS. Maria Helenisse Soares dos. **A Integração da Família no Contexto Escolar**. Disponível em: moodle3.mec.gov.br/.../A_Integracao_da_Familia_no_Contexto_Escolar... Acesso em 02/05/2014.

MOURA. Ana Paula, LEÃO. Nailma de Lima, SANTOS. Kátia Maria de Oliveira. **Família & escola: questão da falta de limites na educação familiar gera indisciplina escolar**. 2011. Disponível em: <http://diariode1educadora.blogspot.com.br/2011/05/familia-escola-questao-da-falta-de.html>. Acesso em 02/05/2014.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas**. Análise Social, vol. XL (176), 205, 563-578.

NOGUEIRA, Maria Alice; **ROMANELLI**, Geraldo; **ZAGO**, Nadir (orgs.). **Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Relação família-escola: novo objeto na Sociologia da Educação**. Paidéia. FFCLRP-USP, Rib. Preto, Fev/Ago 98. Pag. 91-103.

OLIVEIRA, Eny Cândida da silva. **SILVA**, Maria Leny Dias da. **Gestão E Família No Combate a indisciplina**. 2010. Disponível em: http://moodle3.mec.gov.br/uft/file.php/1/moddata/data/850/1115/2111/TCC_3_4leny_1_maria.doc. Acesso em 03/04/2014.

OLIVEIRA, José Mário Aleluia. **MELO**, Cristina Teixeira Vieira de. **SETTE**, José Sérgio Antunes. **Redes Sociais, Sociedade Civil e Práticas e Espaços de Comunicação na Escola - SALA AMBIENTE PRÁTICAS E ESPAÇOS DE COMUNICAÇÃO NA ESCOLA**. Universidade Federal de Pernambuco. 2013. p.18-20.

POLONIA, Ana da Costa. **DESSEN**, Maria Auxiliadora. **Em Busca De Uma Compreensão Das Relações Entre Família E Escola**. Psicologia Escolar e Educacional, 2005, Volume 9, Número 2, p. 303-312.

REGO, Teresa Cristina. **A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotkiana**. (1a. edição 1996). In: **AQUINO**, J. G.. (Org.). **A indisciplina e a sala de aula: alternativas teóricas e práticas**. 16ed. São Paulo: Summus, 2012, v. 1, p. 83-101. Disponível em: <http://amigonerd.net/sociais-aplicadas/pedagogia/indiciplina-e-o-processo-educativo-uma-analise-na-perspectiva-vygotkiana>. Acessado em 03/03/2014.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; **GUERRA**, Siena Sales Freitas; **TASSIGNY**, Mônica Mota. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008. Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%2B_vygotsky.pdf. Acesso em 10/07/2014.

SALLES, Leila Maria Ferreira (2005). *Infância E Adolescência Na Sociedade Contemporânea: Alguns Apontamentos*. Estudos de Psicologia (Campinas) v.22 n.1 Campinas mar. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100005. Acesso 16/02/2014.

SZYMANSKI, Heloísa. *Trabalhando com famílias*. Instituto de Estudos Especiais, PUC SP, março/1992.

TERECIANI, Kéthlen Dayane Rodrigues. *A relação escola-família no cotidiano da escola de educação infantil: um panorama histórico*. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 92 f.: il. 2008.

ZAGURY, Tania. *Limites sem traumas construindo cidadãos*. 82ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2008.